

Projeto quer combater tratamento desigual



FERNANDO PINHEIRO / GLOBAL IMAGES

Ana Cristina Santos lidera a equipa de investigação portuguesa do CES

Carina Fonseca

sociedade@jn.pt

► Portugal, Inglaterra, Escócia e Alemanha estão juntos num estudo sobre processos de discriminação múltipla que pessoas lésbicas, gay, bissexuais, transgénero e queer (LGBTQ) enfrentam ao longo da vida. O projeto, financiado em 1,4 milhões de euros pela NORFACE – New Opportunities for Research Funding Agency Co-operation in Europe, integra um consórcio de centros de investigação e instituições de ensino – no caso português, o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Deverão ser ouvidas 270 pessoas, divididas pelos quatro países.

Os investigadores pretendem obter dados científicos sobre uma realidade que lhes chega por testemunhos e notícias e que os resultados contribuam para combater as desigualdades em função do género e da orientação sexual. Na reta final, há uma forte aposta na divulgação e interação com decisores políticos. “Queremos formular um conjunto de recomendações que suportem a transformação, que suportem práticas políticas e sociais que permitam proteger estas pessoas em situação de vulnerabilidade e combater a discriminação”, conta Ana Cristina Santos, que lidera a equipa de investigação portuguesa.

O projeto “Comparing intersectional life course inequalities amongst LGBTQ citizens in four european countries” começa em março de 2018, dura três anos e “tem características únicas, no campo nacional, porque não se trata só de investigar a discriminação que sentem pessoas LGBTQ; trata-se de identificar estas discriminações em momentos de transição de vida”, diz a investigadora em estudos de género.

Em causa a transição da escola para o mercado de trabalho, o meio da carreira e a entrada na reforma. “Sabemos que existe bullying em meio escolar, discriminação na progressão da carreira. Faltava fazer a ligação entre esses momentos”, e a fase da velhice nem está investigada em matéria de questões LGBTQ, diz.

Mas a ideia não é olhar para pessoas LGBTQ como se fossem só LGBTQ. “Vamos dar atenção, por exemplo, à diversidade étnica, ao estatuto social, à base educacional. Perceber o impacto destes fatores interseccionais nos relatos de discriminação”. Mais para o fim, será feita “uma análise integrativa, com um aspeto original: a aplicação de um modelo de simulação social” que permita traçar o perfil de quem apresenta maiores condições de vulnerabilidade por ser lésbica, gay, bissexual, transgénero ou queer, em cada país. ●